



Língua original: italiano

1º DE OUTUBRO DE 2024

RETIRO - Laudes

Madre Maria Ignazia Angelini

**“Para ti o silêncio é um louvor”
Doçura e severidade do caminho sinodal**

“Se tu amas a verdade,
sois amante do silêncio
e Deus te conceda experimentar
o que é gerado pelo silêncio”
(Isaque, o Sírio)

Abrimo-nos, juntos, ao novo dia: louvar a Deus, é fielmente o limiar da luz. O dia nos conduzirá – esta noite – à liturgia penitencial, ao cumprimento do retiro.

E por isso nos deixamos atravessar e preencher pelas palavras do Salmo que cantamos; do Evangelho que ouvimos: uma trama que gera um raio de luz no caminho sinodal, também na dialética entre os acontecimentos e a Palavra.

Gostaria de me deter naquele versículo, o início do Salmo 64 “Para ti o silêncio é louvor”. *Tibi silentium laus*. O que isso significa? Talvez - ao dizer isto - o valor das canções seja retirado ou o seu significado seja degradado? Ou parece que as intercessões, as homilias e os comentários estão enfraquecidos? E será que o diálogo sinodal, que pretende ser uma “celebração”, a glória viva de Deus, está diminuído de sentido?

Longe disso. Penso que o fundamento de toda liturgia – ritual e **de vida** – se expressa neste versículo: na raiz de cada oração, de cada “trabalho para Deus”, vibra o Sopro silencioso de Deus. Se trata de percebê-lo. Esta respiração precede e vai além da palavra “carne”. É aquela Presença que Elias



(1 Reis 19,12) percebeu na Voz de um 'silêncio oco'. E suas palavras queixosas derreteram como neve ao sol. E nasceu a nova narrativa da história. Caso contrário seria decepcionante, desesperador. É o silêncio de Jesus diante do tribunal humano. É o silêncio de Jesus que se segue à emissão do seu último suspiro: Glória de Deus e anúncio da ressurreição.

“Quem compreendeu as palavras do Senhor, compreende o seu silêncio, porque o Senhor é conhecido no seu silêncio» (Inácio de Antioquia aos Efésios, XV,2).

E quem se deixa surpreender diante da profundidade do silêncio de Deus, plenamente revelado em Jesus, compreende como **o silêncio é a dimensão constitutiva da verdadeira fala humana**, que como tal, canta o louvor do Altíssimo. Cada palavra humana é precedida – na sua verdade sempre parcial – e é sustentada e superada pelo silêncio que louva a Deus.

Poderosa, explicativa, é a cascata imediatamente seguinte de “Tu” dirigida a Deus, que articula o silêncio solenemente proclamado na abertura. O silêncio-louvor não é um vazio pneumático, mas é uma admiração pela vinda de Deus entre os seus.

“Para ti, ouvinte de súplicas”

“Toda a carne vem a ti” (v. 3).

“Palavras de culpa pesam sobre nós; nossos pecados: tu os perdoa.”

Parece importante, hoje, deter-nos neste versículo do salmo, para nos prepararmos para as oficinas de diálogo, para as mesas de debate; mas antes mesmo, preparar-nos para a celebração penitencial. Deixemo-nos preencher por este silêncio.

No início, portanto, e no fundo, há o silêncio como o maior louvor. Lá onde não se pode fazer nada além de admirar a obra de Deus: “Para ti o silêncio é louvor!”. Isto nos posiciona na celebração penitencial. E também nos leva a avaliar todo o peso das pausas de silêncio introduzidas nos diálogos sinodais. Não são uma diversão: é de valor substancial que as trocas de tempos em tempos mergulhem no silêncio que precede e segue. Ouvindo maravilhado, com o que nunca tinha ouvido.



Tudo, cada expressão do humano, é cuidadosamente cultivado por Deus, que no salmo é visto como presente – assim como na inquieta história do homem – na criação, como um “grande agricultor”. Assim surge o louvor do silêncio cósmico e dentro de nós a alegria que vence as trevas. “Tudo canta e grita de alegria” (64, 14).

“O silêncio é um louvor para ti”. Conhecemos aquele silêncio gerador, que precede a palavra, que a salvaguarda, que a gera incessantemente? Em que condições o silêncio é um louvor? Muitos silêncios hipócritas - estranhos - se aninham em nossas palavras...

O Salmo 64 parece ter sido escrito para dar voz ao nosso ser interior que sente o peso do mal que está no mundo, dos pecados, e anseia pela libertação. Para dar voz ao nosso coração, muitas vezes esclerotizado pelas ansiedades e frustrações que abrandam o seu batimento, mas que aspira a uma plenitude de vida e a uma firmeza que já não teme as tempestades e os tumultos. E o coração respira de novo ao entrar em sintonia com aquele silêncio, no qual no início a Palavra foi ouvida (Gn 1,1).

O silêncio é talvez o elemento mais difícil de experimentar na nossa vida, mesmo no caminho sinodal. É por isso que nossas palavras comunicam tão pouco. Imersos no caos, ou na ênfase dos nossos conceitos, não temos tempo para tocar no assunto e muitas vezes nem vontade, **porque nos assusta.** Quando você está em silêncio, na verdade, não é silêncio imediato: você está submerso por um vórtice de pensamentos - pelo rescaldo de um passado que muitas vezes não é elaborado na memória do coração; do tédio de um presente iminente - premente ou amorfo, parado -, e da angústia de um futuro incerto e sem sentido. Este não é o silêncio que louva a Deus e que é a raiz de todo diálogo construtivo, de todo caminho sinodal.

Pelo contrário, é o silêncio precioso de quem sabe sair do palco e experimentar uma espécie de solidão fecunda e aberta à alteridade, na escuta da palavra de Deus, do grito dos pobres e dos gemidos da criação.

O silêncio é uma luta contra a banalidade, é uma busca da verdade, é uma aceitação do mistério que se esconde em cada pessoa e em cada ser vivo. Não



explica o sofrimento, mas o atravessa. O silêncio pode ajudar-nos a redescobrir o ritmo verdadeiro e autêntico do diálogo sinodal.

Pois bem, este mesmo silêncio é evocado hoje no Evangelho: o início do “grande caminho”. Um Evangelho impregnado de silêncio, daquele rosto de Jesus que – orientando-se para o Gólgota – na firme decisão, torna-se firme como a pedra. A liturgia que celebraremos esta noite, no final do retiro, encontra sentido e fôlego na luz silenciosa daquele Rosto.

A arte “sinodal” de Jesus oferecida à assembleia sinodal: para caminhar, além de aprender o olhar que descobre as novas dimensões do mundo – a narração silenciosa – é necessário aprender também a arte das relações gratuitas, sem ser seduzido pelo Divisor.

O grupo de discípulos é “itinerante” de nascimento. Mas qual é o passo?

O rosto “endurecido” de Jesus não encontra ressonância coerente na impetuosidade de João: o discípulo amado, o filho do trovão deve deixar-se transformar. No entanto, ele próprio recebeu recentemente o grande dom de estar presente na transfiguração, onde se discutiu o êxodo de Jesus; ele já havia recebido duas vezes o anúncio da paixão de seu Mestre e Senhor. Mas escapou sistematicamente, abafado pelo ruído interno dos pensamentos de supremacia.

E agora aquele rosto único, amado, examinado com desejo – aquele rosto ao qual são enviados antes como anjos – é mal compreendido pelos próprios discípulos: torna-se motivo de tropeço. “Vós não sabeis a qual espírito pertenceis. Porque o Filho do Homem não veio para perder as almas dos homens, mas para salvá-las.” Esta palavra específica estabelece um processo de discernimento também para a Assembleia Sinodal, uma vez que o caminho já avançou, como para os discípulos.

Esta característica nos preocupa de perto hoje. Penso que se trata desta Assembleia Sinodal situada num momento de mudança de época na história e na Igreja, cujos contornos intuímos vagamente, mas não vemos com clareza.



Jesus não cede à incompreensão dos discípulos, empurra-os com paciência e amor. E um silêncio de conversão vai preparando neles a irrupção da novidade pascal no seguimento.

E é a partir deste primeiro tropeço – a rejeição em Samaria – que Jesus empreende e percebe, que o caminho para Jerusalém se configura no seu coração com provas decisivas e duras. Este é o estilo do Evangelho: caminhando, abre-se caminho, através dos obstáculos. Este será, talvez, o caminho sinodal. Cada Samaria é lugar de encontros surpreendentes.

Essa Face humaníssima e divina, esculpida na pedra, é reveladora. “Ele voltou-se e os repreendeu”: luz sobre a celebração penitencial. Liberte o seu olhar de toda impaciência e ativismo empreendedor, de cobranças, de ressentimentos e reclamações. De “muitas” palavras. Para acolher a paixão do desejo que atrai silenciosamente para o cumprimento da vontade do Pai. Até a *kenosis* do Getsêmani e do cenáculo: “Esta é a vontade daquele que me enviou: que eu não perca nada do que ele me deu”.

O olhar fixo em Jesus, rosto humano de Deus. Sem saídas, sem rota de emergência. Um olhar que, iluminado pelos Mansos e Humildes de coração, dá forma à visão sobre o outro, sobre a história, sobre o mundo. Olhar para Jesus abre uma esperança bem fundamentada. Isto nos faz cantar o salmo – “Para ti o silêncio é louvor”: louvor esplêndido.